

Sílvio Lima – Filósofo sem Filosofia

1. - FILÓSOFO DE ESTILO

Lendo a obra de Sílvio Lima,¹ constata-se o paradoxo de ser este autor filósofo de muitas e variadas ideias mas de nenhuma central, como se a sua filosofia, manifestação de uma ferocíssima crítica a todos os sistemas filosóficos constituídos, se estatuísse mais como um indicar de caminho do que propriamente como a construção desse caminho, ou, se quisermos, como se as marcas desse caminho fossem traçadas, momento a momento, pela crítica do próprio caminho, mais como expressão de uma atitude crítica do que como levantamento de horizontes. Justamente por este motivo, Sílvio Lima é um pensador desprovido de fases evolutivas internas ao seu pensamento, como igualmente nos parece ser desprovido de pensamento filosófico próprio, substituindo este por um estilo crítico de pensar, assente numa razão tão problemática quanto, no dizer de Eduardo Lourenço, a de Sérgio.² Mais do que um pensamento filosófico, reestruturador de antigas teses, solucionando-as de um modo próprio ou original, o pensamento de Sílvio Lima, disperso por uma multidão de temas - da psicologia ao desporto, da religião à filosofia moral, da teoria do luxo à teoria da saudade - não parece obedecer a uma directriz filosófica nova que subsuma e revolucione antigas questões filosóficas, como o ser e a substância, o conhecer e o valor, Deus e a criação, o bem e o belo, mas, diferentemente, a uma atitude de incessante destruição de anteriores teses consolidadas historicamente e sua reconstrução em outros termos. A este seu modo habitual de fazer filosofia, de certo modo à semelhança de António Sérgio, Sílvio Lima designa por pensamento crítico. Porém, enquanto em Sérgio esta metodologia crítica pressupõe a recomposição global do edifício do pensar e do agir segundo uma nova direcção na filosofia, na política, na economia, na educação, no estatuto da razão e do conhecer, no pensamento sobre o “uno unificante”, em Sílvio Lima a crítica, como atitude filosófica geral, desdobra-se em inúmeras críticas, uma multidão de críticas, perdendo-se o sentido da recomposição, nada escrevendo que não seja em função da contestação de teses anteriores, propondo novas soluções que, ou não estão à altura da qualidade das soluções anteriores, ou pura e simplesmente estatuem-se como síntese ou colagem confluyente de partes de soluções anteriores. Dito de outro modo, na solução proposta por Sílvio Lima, a questão filosófica tematizada permanece no mesmo horizonte, circunscrita exactamente nos mesmos termos, usando os mesmos conceitos, sem o aparecimento de conceitos novos ou de antigos conceitos com nova dimensão referencial, isto é, não se alterando o seu estatuto.

Assim, embora Sílvio Lima se postule como o mais racionalmente crítico de todos os pensadores portugueses do século XX, recusamos conscientemente intitular o seu pensamento de “racionalismo crítico”, já que entendemos que este, como em Sérgio ou em Abel Salazar, supõe uma nova perspectiva filosófica, uma reorganização de algumas das questões permanentes da filosofia, ou o estabelecimento de um novo

¹ Sobre a obra de Sílvio Lima, consultar *Obra Completa*, 2 volumes, (org. e pref. José Ferreira da Silva), Lisboa, Ed. F. Calouste Gulbenkian, 2002 (= *OC.*), bem como, para a conferência de títulos e cronologia, *Sílvio Lima - Publicações dos Professores da Faculdade de Letras*, Coimbra, ed. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1974.

² Sobre o estabelecimento do pensamento português relativo ao conceito de “razão” a partir da década de 60, Cf. Eduardo Lourenço, “Sérgio como Mito Cultural”, in *Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Ed. D. Quixote, 1978, pp. 175 ss.

horizonte teórico, o que Sílvio Lima não faz, restando-se pela pequena mas incessante e combatente crítica às teses anteriores, sintetizando-as e, entre as várias soluções, propondo uma ou confluindo várias. Não encontramos na obra de Sílvio Lima, como o encontramos em Raul Proença, em Sérgio ou em Abel Salazar, um combate único ou unificado pela instauração do racionalismo em Portugal, mas muitos combates, glosando inúmeras teses, criticando umas e aceitando outras, expondo umas para logo as demolir, total ou parcialmente, e assim sucessivamente, numa vasta alameda de erudição coimbrã da primeira metade do século XX, para, no final, enquanto proposta pessoal, não surgir mais do que o já dito, embora dito de outro modo. Porém, não duvidamos de que todo este estilo próprio de filosofar de Sílvio Lima obedece invariavelmente a um pensamento crítico identificado com uma razão que tudo problematiza, estatuidando-se ambas, a crítica e a problematização, simultaneamente como métodos e como fins. Um exemplo sugestivo encontra-se no discurso proferido por Sílvio Lima na cerimónia de imposição das insígnias “aos doutores Delfim Santos, Rodrigo de Sá Nogueira e Álvaro Júlio da Costa Pimpão”, na sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, quando Sílvio Lima critica a “ontologia regional” de Delfim Santos por ser esta “mais uma dogmática do que uma problemática, mais um misticismo do que um criticismo”,³ recusando aceitar, como tese de partida, o encerramento do pensamento filosófico num sistema constituído. A obsessão analítica de Sílvio Lima desenvolve-se sempre em torno destes dois termos: criticar e problematizar, ou seja, a reconstituição de temas em problemas, usando como instrumento o que designa por “razão crítica”. Assim, evidencia-se na sua escrita a obsessiva necessidade de transformar o conteúdo de um livro ou de teses filosóficas em problemas, imaginados estes como nós de um novelo que se vai desvelando consoante o problema se resolve em inúmeros problemas constituintes, que, por sua vez, se vão opondo aos diversos contrários, levantando diversas hipóteses interpretativas, carregando o texto de inúmeros pontos de interrogação, os quais, levados a limite crítico e problemático, podem encerrar o próprio texto, como acontece no livro *Ensaio sobre o Desporto* [1937], que finaliza com um ponto de interrogação: “Pode considerar-se o desporto uma obra em que não reine, como lei soberana, a razão?”⁴ ou constituir-se como título do próprio livro, como em *Serão Luxo a Ciência e a Arte?* Em texto inédito de Rui Lopo, de que agradecemos a consulta, para nós de grande utilidade, este autor, comentando o método de Sílvio Lima, sublinha:

... posto um problema, Lima percorre todas as interpretações e soluções possíveis para ele, preferindo, para já, atestar as suas fragilidades e inconsistências. Por vezes vemo-lo pendendo para aqui ou ali, mas o que parece ser um relativismo ou perspectivismo ensaístico (à Montaigne) impede-o de construir uma conclusão de tipo definitivo ou axiomático. (...) Evitando em geral os juízos de valor (demarcando-se igualmente de um cepticismo que a si próprio se auto-justificasse) e procurando se não achar a verdade, pelo menos prosseguir sempre a sua busca, se não propor uma conclusão, pelo menos revelar as inconsistências de todos os caminhos”.⁵

De facto, não se pode ser mais claro do que Rui Lopo: Sílvio Lima, se não estabelece um caminho, pelo menos evidencia a inconsistência de todos os caminhos filosóficos, isto é, como o faz à proposta de Delfim Santos em pleno sessão de doutoramento deste, estilhaça todos os caminhos possíveis designando-os de “dogmáticos” porque

³ Sílvio Lima, *Três Doutoramentos*, Coimbra, separata da revista *Biblos*, 1945, vol. XX, p. 4.

⁴ Sílvio Lima, *Ensaio sobre o Desporto*, Lisboa, ed. Sá da Costa, 1937, p. 71.

⁵ Rui Lopo, *Sílvio Lima . Um Cavaleiro do Amor*, manuscrito inédito., Sintra, 2003, s/nº p.

“fechados” e “completos”, e “místicos” porque unificantes da experiência. Assim, os livros de Sílvio Lima preenchem-se estruturalmente de apresentação de teses particulares ou de perspectivas sobre uma questão, de refutação ou refutações das mesmas e, finalmente, de uma proposta de revisão geral das teses propostas. Deste modo, logo que uma tese é considerada revista, Sílvio Lima passa a outra, que igualmente será exposta, refutada e revista, passando-se a outra. Apresentando alguns exemplos avulsos, destaquemos: no ensaio citado sobre o desporto, é apresentada a tese de um pensador espanhol e, logo a seguir, Sílvio Lima escreve: “Este juízo afigura-se-nos errado...”⁶, iniciando a sua refutação geral para, mais tarde, propor a sua própria interpretação; em *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, escreve: “Afigura-se-nos menos exacta, porque pouco clara, a opinião destes doutos ensaístas”⁷, iniciando o processo de refutação; no interlúdio, enquanto desdobra a tese em vários aspectos, Sílvio Lima escreve: “Apertemos o problema...”,⁸ ou, então, “aportemos agora ao problema...”,⁹ ou ainda: “Eis aqui um feixe importantíssimo de questões”.¹⁰ Por dois motivos, todos estes dispositivos retóricos e este modo contraditório de escrever impedem Sílvio Lima de, ultrapassando uma atitude filosófica e um vasto conhecimento da filosofia, que indubitavelmente os tem, possuir um pensamento filosófico próprio: 1. – um motivo formal, o menos importante, Sílvio Lima explora a filosofia ao modo avulso da sebenta coimbrã de meados do século XX, segundo uma luta de teses contrárias ou contraditórias que historicamente se vão cruzando e substituindo sem uma direcção ou uma perspectiva geral unificadora, seja geneticamente evolutiva, seja fundamentada num quadro intemporal de conceitos; dito de outro modo, sem uma filosofia própria que dê sentido à demolição das teses anteriores; 2. – um motivo de conteúdo, o mais importante: ao criticar as teses expostas, Sílvio Lima fica sempre preso aos quadros conceptuais dos autores criticados, negando-os total ou parcialmente ou radicalizando-lhes as suas propostas, mas nunca estabelecendo um novo quadro dotado de novos conceitos. Como se constata, este modo de pensar não é propriamente filosófico, mas estilístico. Um exemplo muito claro deste estilo de pensar encontramos-lo logo no seu primeiro livro, por exemplo nas “Conclusões”:

[**Tese proposta:**] A ética de Guyau é *expansiva*. Os seus equivalentes explicam-nos o altruísmo. [**Limitação ou refutação da tese:**] Mas a ética é também *repressiva*. [**Conclusão:**] Torna-se, pois, necessário corrigi-la, indo-se buscar ao utilitarismo social (...) o critério racional da conduta, quer *expansiva*, quer *intensiva*. [**Consequência da conclusão:**] Numa palavra, deve-se ampliá-la adentro duma concepção sociológica e furtar-lhe o excessivo misticismo poético ainda nela flutuante [**ou seja, retirar parte de uma tese e confluí-la com parte de outra tese**]. A *Fecundidade* [**tese vitalista de Guyau**] precisa de ser orientada pela Razão [**outra tese moral, a racionalista**] (...).¹¹

Como se constata, não existe originalidade de raiz na proposta de Sílvio Lima, mas contestação, refutação e síntese de propostas anteriores, não alterando radicalmente o pensamento ético de Guyau por via de uma outra perspectiva. Pensamos que o texto de Sílvio Lima mais claro sobre o seu estilo de filosofar, até pela sua reduzida

⁶ Sílvio Lima, *Ensaio sobre o Desporto*, ed. cit, p. 14.

⁷ Sílvio Lima, *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, Coimbra, Arménio Amado Editor, 1944, p. 129.

⁸ Sílvio Lima, *Serão Luxos a Ciência e a Arte?*, Coimbra, s/editor, 1940, p. 69.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 103.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 108.

¹¹ Sílvio Lima, *Ensaio sobre a Ética de Guyau nas suas relações com a Crise Moral Contemporânea*, [1927], in *OC. I*, p. 169.

dimensão, é *Reflexão sobre a Consciência Saudosa*, de 1955.¹² O artigo começa com a exposição da tese de Joaquim de Carvalho sobre as duas características principais da saudade – a saudade é retrotensa e intensa; e logo Sílvio Lima questiona: “Mas só isso? Não”, ela também é animada pela “protensividade”;¹³ e todo o restante artigo é uma tentativa de explicitação de que àquelas duas características apontadas por Joaquim de Carvalho deve juntar-se a “protensividade”. De novo, o seu método (que se identifica com o seu estilo) aplica-se como assinalámos, Sílvio Lima não propõe uma nova teoria sobre a saudade, serve-se da de Joaquim de Carvalho para lhe acrescentar uma outra característica. Em suma, tese exposta, tese refutada, tese acrescentada com uma outra particularidade, mas sempre no horizonte da tese inicial. Todos estes dispositivos retóricos parecem-nos ser próprios de professor de filosofia e não de filósofo, como aliás sublinha o título da “Introdução” de José Ferreira da Silva às *Obras Completas* de Sílvio Lima: “Sílvio Lima. Professor de Espírito Crítico (1904 – 1993)”,¹⁴ ou, se se quiser, para fazer jus ao título de um dos mais conhecidos livros de Sílvio Lima, *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, de 1944, de “ensaísta”. Entre as páginas 55 e 65 deste livro, Sílvio Lima apresenta as três características de um ensaio: 1. – um auto-exercício da razão; 2. – tendo como origem um saber com base na experiência da vida, um “saber que destila a vida”¹⁵; 3. – um “auto-exercício crítico”. Estas características são apresentadas, na página 56, como constitutivas de um conhecimento racional, determinado por uma liberdade pessoal no esforço constante para criar um pensamento original. Note-se que, embora aplicado a Montaigne e aos ensaios deste, todas estas características definidoras do ensaio devem antes de mais ser aplicadas à obra do próprio Sílvio Lima, isto é, ao seu porfiado uso crítico de uma razão pessoal, não submetida a nenhuma autoridade que não seja a nascida do trabalho livre da própria razão, auto-reflexivamente criticada e recriticada, em busca de uma “originalidade pessoal”. Como se constata, não se trata de uma filosofia, mas de uma atitude filosófica, não de um pensamento estruturado, sólido e coerente, que se ofereça como alternativa a outras correntes filosóficas sobre um certo tema, mas de uma posição pessoal de abertura crítica, aliás, de uma permanente abertura crítica contra toda a proposição sistemática, logo considerada “dogmática”, petrificada, como Sílvio Lima classifica a ontologia de Delfim Santos. Filósofo de estilo mais do que de conteúdo, Sílvio Lima radicaliza a atitude problemática de António Sérgio, seu modelo expresso de pensamento, confessado em *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, mas, diferentemente deste autor, e porventura devido à ilimitada abertura inconclusiva do pensamento de Sílvio Lima, falta-lhe uma visão global dos temas filosóficos que alie à razão investigadora uma razão conclusiva, totalizante e unificante, isto é, falta a Sílvio Lima o mais que ele próprio critica na filosofia de Delfim Santos. Dito de outro modo, a Sílvio Lima, mais do que um caminho sempre aberto e renovado, falta-lhe o sentido do caminho. Não admira, assim, que Sílvio Lima veja em António Sérgio o grande “ensaísta nacional” do século XX,¹⁶ dedicando quase dez páginas do seu ensaio a elogiar a atitude sergiana como continuadora da tradição racionalista portuguesa e europeia, a quem, aliás, em conjunto com Joaquim de Carvalho, já dedicara a sua tese de licenciatura em 1927, defendida dezassete anos antes, evidenciando deste modo que o pensamento

¹² Sílvio Lima, *Reflexão sobre a Consciência Saudosa*, in *OC.*, II, pp. 1517 ss.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 1518.

¹⁴ José Ferreira da Silva, *Sílvio Lima. Professor de Espírito Crítico (1904 – 1993)*, in *OC.*, I, p. VII.

¹⁵ Sílvio Lima, *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, ed. cit., p. 60.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 160.

maximamente aberto de Sílvio Lima, como radicalização extremada da atitude crítica de Sérgio, não fora provocado como reacção à sua polémica com o cónego Trindade Salgueiro, em 1930 – 1931, por causa do livro do Cardeal Cerejeira, ou da sua expulsão da Universidade de Coimbra em 1935, mas, diferentemente, é-lhe constitutivo e permanente. Mais do que concluir, mais do que instrumentalizar a razão em ordem à fixação de uma proposição definitiva, interessa a Sílvio Lima problematizar, ensaiando um tema a partir de várias perspectivas, segundo uma visão plurilateral,¹⁷ permitindo assim liberalmente que a perspectiva mais conforme aos tempos sociais se vá espontaneamente impondo; porém, a ilimitada abertura racional de Sílvio Lima nunca o deixa prender a uma exclusiva perspectiva, mesmo a considerada conjunturalmente superior e dominante, aliando-se assim a razão a um fortíssimo cepticismo, mais preparado para demolir do que para construir. Deste modo, se o combate de Teixeira de Pascoais no seio da cultura portuguesa fora contra o “estrangeirismo”, o de Leonardo Coimbra contra o “cousismo”, então personificado no positivismo, o de Sérgio contra os “espectros” do passado bloqueadores acriticamente do avanço nacional, o de Sílvio Lima é, desde 1930 até ao final da sua vida pública (meados da década de 50) contra o “dogmatismo”, considerado, desde a criação do Santo Ofício em Portugal, em 1539, a hidra de sete cabeças da cultura portuguesa.

2. – A LUTA DA RAZÃO CONTRA O “DOGMATISMO”

Assumindo, à Sérgio, o estatuto da razão como “ginástica do intelecto”,¹⁸ enfatizando que “a crítica está para o intelecto como a marcha para o corpo”,¹⁹ identificando-a com o “livre-exame” (“A crítica chama-se livre-exame”²⁰), a verdade é que este termo e o termo “ensaio” constituem-se como as duas grandes balizas estilístico-filosóficas de Sílvio Lima. Com exclusão do seu juvenil livro de poemas *Maldades*, de 1921, os seus quatro primeiros textos teóricos organizam-se mentalmente em torno da constelação semântica própria dos termos “razão” e “ensaio”: em 1927, publica *Ensaio sobre a Ética de Guyau...*; em 1928, *O Problema da Reconhecimento*, subtítulo *Estudo Psicológico Teórico-Experimental*, em que os termos “problema” e “estudo” apontam justamente para “pesquisa crítica”, “investigação da razão”, ou, numa palavra, “ensaio” como “conjunto de “pesquisas” (definição de Sílvio Lima em 1933); em 1930, sai a lume o volume *Notas Críticas ao livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira, “A Igreja e o Pensamento Contemporâneo”*, em que a palavra “crítica” surge igualmente vinculada à constelação semântica de “ensaio” e “razão”; e em 1933 o artigo – autêntica síntese escrita do espírito filosófico do seu autor – *Montaigne, professor de espírito crítico*, onde Ferreira de Silva se inspirou para intitular o artigo introdutório das *Obras Completas* de Sílvio Lima. Está assim definido, desde o final da sua licenciatura em Histórico-Filosóficas aos 23 anos, o universo mental de Sílvio Lima: a crítica racional como instrumento operativo do pensamento e o ensaio como forma aberta e plural acolhedora da pesquisa e da investigação, esta sempre provisória. Se a crença numa crítica viril, maiúscula e musculada (utilizando a metáfora da “ginástica”, própria de Sérgio e Lima), espécie de cavaleiro andante da razão e do ensaio, como mãe tolerante que tudo admite à sua

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 105.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 63.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

²⁰ Epígrafe de Moniz Barreto ao estudo de Sílvio Lima, *Ensaio sobre a Ética de Guyau...*

filha “razão”, mesmo o erro, não chega para fazer uma filosofia, chega no entanto para vincar um estilo filosófico, pelo qual Sílvio Lima deixará a sua marca na cultura portuguesa da primeira metade do século XX.

Oposto ao “livre-exame”, levanta-se o “dogmatismo”, fantasma permanente e actuante da cultura portuguesa desde a segunda metade do século XVI. Como atitude socialmente influenciador, o dogmatismo é de todos os tempos, como o pensamento crítico também o é; Sílvio Lima, porém, personifica-os em figuras históricas que vão dando consistência à sua interpretação do combate evolutivo da razão através dos tempos: o dogmatismo é personificado na figura de Aristóteles medievalmente interpretada (a “Escolástica”) e no domínio da Igreja Católica sobre a mentalidade colectiva portuguesa, tanto como instituição eclesiástica quanto transfigurada nos seus tentáculos sociais, como a Santa Inquisição ou o monopólio religioso do ensino; ou seja, o dogmatismo, nas suas diversificadas formas, une-se no que Sílvio Lima designa com a expressão *Odium Theologicum*,²¹ que mentalmente reflectiria e exprimiria a aliança histórica e social entre o poder da Igreja Católica e o poder do Estado desde os tempos de Quinhentos até à então recentíssima aliança táctica entre o Cardeal Cerejeira e Oliveira Salazar, elevando uma cultura dogmática, assente em pressupostos filosóficos passadistas e irracionais, a modo dominante de pensamento de um povo; por seu lado, o espírito crítico, qual flor permanentemente a desabrochar, mas eternamente asfiziada pelo peso do ambiente cultural exterior, personifica-se fundamentalmente em dois autores, um europeu, Montaigne, outro nacional, Sérgio; entre ambos, desenha-se temporalmente a galeria de heróis da razão cuja lista, europeia e portuguesa, é comum à abundantemente apresentada por Sérgio, partindo de Descartes e chegando a Einstein e, nacionalmente, partindo de Duarte Pacheco Pereira, Pedro Nunes e Damião de Góis e chegando a Antero de Quental e Egas Moniz. Assim, todos os livros de Sílvio Lima não escondem a sua favorável inclinação para o pensamento daqueles dois autores e o seu repúdio ao aristotelismo escolástico, bem como ao pensamento cristalizado da igreja da primeira metade do século XX. Neste sentido, o leitor não se admira que Sílvio Lima interprete o seu próprio pensamento como uma espécie de cruzada crítica contra o dogmatismo em Portugal, como, aliás, o fará o seu compilador das obras completas, José Ferreira da Silva, seja no texto de 1979, intitulado *Sílvio Lima. História de um Professor Universitário*,²² seja na intervenção oral das comemorações dos 10 anos da morte de Sílvio Lima, realizadas na Universidade Lusófona, de Lisboa, organizadas por Carlos Leone, em 2003,²³ seja ainda no texto *Sílvio Lima. Professor de Espírito Crítico*, enfatizando a luta entre o “dogmatismo” e o “espírito crítico”:

o que o dogmatismo religioso [a hierarquia da Igreja Católica da década de 30, dirigida pelo Cardeal Cerejeira], em conúbio íntimo com o autoritarismo político [o Estado Novo de Oliveira Salazar], não podia tolerar era (...) sobretudo a análise crítica de cariz racionalista que [Sílvio Lima] introduzia no estudo do fenómeno místico [e] o espírito do livre exame”.²⁴

²¹ Cf. Sílvio Lima, “Post-Scriptum” à 2ª edição de *Notas Críticas ...*, [1930], in *O. C., I*, p. 377, ou em *O Caso Clínico dum Teólogo*, [1931], in *O. C., I*, p. 518, nota 2.

²² José Ferreira da Silva, *Sílvio Lima. História de um Professor Universitário*, separata da revista *Biblos*, Coimbra, vol. XV, s/d., [1979].

²³ Sessão Evocativa do 10º Aniversário da Morte de Sílvio Lima, realizada na Universidade Lusófona de Lisboa, em 28 de Abril de 2003 (org. Carlos Leone).

²⁴ José Ferreira da Silva, “Sílvio Lima. Professor de espírito crítico”, in *O. C., I*, p. XI.

Se, neste texto, de 2002, espelhando o espírito do seu mestre, Ferreira da Silva estatui a obra de Sílvio Lima do lado da “análise crítica racionalista”, opondo-a ao dogmatismo, no texto de 1979 Ferreira da Silva operara a ligação entre o pensamento de Sílvio Lima e a tradição crítica portuguesa desde o século XVIII:

Daí alguns dos seus [de Sílvio Lima] ensaios que o ligam a uma grande tradição da cultura portuguesa que vem dos estrangeirados e de Verney, passa por Herculano, Antero e a Geração de 70, tem como representantes no nosso século António Sérgio e, para só citar professores universitários, Vieira de Almeida, Joaquim de Carvalho e Sílvio Lima. António Sérgio é, durante várias décadas, o mentor incontestado desta tradição. Sílvio Lima estava ligado a António Sérgio, para além da amizade e da admiração que não morre com as pessoas, pelo espírito ensaístico e crítico que tão bem soube caracterizar no seu *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*.²⁵

Embora Ferreira da Silva não cite o seu nome, seria injusto esquecer-se um dos mais altos esteiros da tradição crítica – ferozmente crítica – portuguesa na década de 30, Raul Proença, a quem Sílvio Lima dedica as suas emocionadas *Quatro Cartas sobre o Idealismo*, em 1936,²⁶ quando Raul Proença recuperava de uma intervenção cirúrgica ao cérebro, conduzida por Egas Moniz e Almeida Lima, para debelar a o estado de quase loucura em que se encontrava desde 1931, operação que terá notório sucesso, embora temporário. De recordar que 1936 é igualmente o ano em que Sílvio Lima pela primeira vez se encontra impedido de exercer o seu magistério universitário devido à expulsão do ensino pelo decreto-lei nº 25317, de Maio de 1935, de 33 intelectuais opositores do Estado Novo, entre os quais Sílvio Lima.²⁷ Sofrendo na sua própria vida os efeitos directos do “dogmatismo”, Sílvio Lima como que interpreta a história da cultura portuguesa desde o Renascimento como um vasto teatro animado pelo conflito dramático entre o dogmatismo e o criticismo, ou seja, entre estruturas mentais medievalmente cristalizadas no tempo e a novidade do livre exame, do pensamento pessoal original e do livre exercício da pesquisa e da investigação, ou, no dizer de Sérgio, entre os “espectros” do “reino cadaveroso” e a longa fila de “estrangeirados” cuja obra, sempre censurada, aponta o sentido da europeização de Portugal. Neste palco cultural, cujo combate dramático é geracionalmente recorrente em Portugal, Montaigne faz figura de patriarca da razão contra a escolástica, e o preito de Sílvio Lima à obra deste pensador (o “amigo Montaigne”, “sempre vivo no nosso coração”) é tão vasto que lhe dedica quase metade do *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, de 1944, depois de sobre ele, como referimos, ter proferido uma conferência em 1932, segundo o índice de *Publicações dos Professores da Faculdade de Letras*, acima citado, ou em 1933, segundo informação de Ferreira da Silva em nota-de-rodapé às *Obras Completas* de Sílvio Lima.²⁸ Porventura tomando-se a si

²⁵ José Ferreira da Silva, *Sílvio Lima. História de ...*, ed. cit., p. XLII.

²⁶ Sílvio Lima, *Quatro Cartas sobre o Idealismo*, in *O. C., II*, pp. 933 – 945.

²⁷ Sílvio Lima regressará à docência na Faculdade de Letras de Coimbra a partir de 1942, reintegrado como professor extraordinário convidado, por influência do então ministro da Educação Nacional, Mário de Figueiredo, que o mesmo fizera a Abel Salazar, demitido pelo mesmo decreto-lei, reintegrado na Faculdade de Farmácia do Porto, em 1941. A reintegração de Sílvio Lima, porém, nunca será pacífica para Oliveira Salazar, que, em 1949, aceitando a nomeação de Miranda Barbosa, Costa Pimpão e Paiva Boléo para professores catedráticos da Faculdade de Letras de Coimbra, recusa porém a de Sílvio Lima. Reformado desde o ano lectivo de 1964/65, apenas em 1975 Sílvio foi reintegrado nos quadros desta faculdade como professor catedrático.

²⁸ Cf. Sílvio Lima, *O. C., I*, p. 539. Porém, ambas as informações concordam que a conferência de Sílvio Lima foi publicada no *Boletim do Instituto Francês de Portugal*, nº 4 (3-4), pp. 37 – 41, em número especial dedicado a Montaigne, que não conseguimos consultar.

próprio por exemplo, Sílvio Lima considera, em *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, ao arrepio das interpretações comuns sobre Montaigne, que este pensador não é um “céptico” e que o seu aparente cepticismo é, socialmente, um “mecanismo de auto-defesa” contra o autoritarismo intelectual então dominante em França, e, individualmente, “um processo crítico de auto-formação”,²⁹ pelo qual o pensamento de Montaigne vai criticando os dados culturais então considerados verdadeiros: o aparente cepticismo de Montaigne só o é contra a “razão aristotélico-escolástica, o dogmatismo, o autoritarismo da época”.³⁰ No retrato filosófico que Sílvio Lima esboça de Montaigne em 1932 ou 1933, encontramos figurado o retrato do estilo de escrita filosófica de Sílvio Lima, o que, aliás, é corroborado pelo próprio quando declara que “a postura mental, que Montaigne esculpiu perante o século XVI, nos pode servir pedagogicamente de lição para a formação da *ratio* pensante” de todos os tempos ou para modelo do ensaísmo crítico;³¹ desenhando o século XVI europeu como um século de conflito dramático (“século de crise”,³²) entre o dogmatismo e o criticismo, Sílvio Lima destaca na atitude de Montaigne quatro traços que são igualmente quatro traços da sua (de Sílvio Lima) atitude estilística de filosofar: 1. – face à “consciência lúcida da variedade e do contraste do universo (...) Montaigne colecciona factos (...) [como um] *sage* filósofo que busca, pelo entrecocar da tese e da antítese, fazer a síntese donde extrairá a *regula vivendi*” – traço que, como vimos no ponto anterior, é indubitavelmente característico do estilo filosófico de Sílvio Lima; 2. – Montaigne não possui uma “visão unilateral, mas plurilateral. Capta o real em diversos ângulos”, como os “insectos”,³³ - característica sublinhada no estilo filosófico de Sílvio Lima através da sua necessidade de desdobrar um problema em diversas perspectivas, ou, na sua linguagem, os múltiplos olhos dos “insectos”; 3. – Montaigne [possui] a humildade e a tolerância perante o facto, a aceitação inteligente e calma da variedade das coisas e dos homens. Temos pois, a experiência como fonte do conhecimento”³⁴ – característica eminente de Sílvio Lima, fundamentalmente nos seus diversos trabalhos de índole laboratorial em Psicologia; 4. – finalmente, “Montaigne reconhece a superioridade da razão sobre a experiência. É que a experiência sem a razão é matéria sem forma. A razão organiza a experiência. Dá-lhe o travejamento, o esqueleto que segura a carne móvel dos factos”,³⁵ característica atribuída por Sílvio Lima a Montaigne que espelha em perfeição a atitude racionalista do próprio. Assim, como vimos, a identificação entre as bases do pensamento do “amigo Montaigne”, “sempre vivo no nosso coração”, e as próprias concepções gerais de Sílvio Lima, é, tendo em conta tempos sociais diferentes, senão total, quase total. Deste modo, Sílvio Lima, numa síntese muito ilustrativa, falando de Montaigne, explicita a sua própria atitude filosófica:

uma íntima colaboração [no conhecimento] da *ratio* com a *natura*. A primeira nada pode sem a segunda, a segunda sem a primeira; são fracas, divorciadas, e fortes, unidas. A *ratio* sem o contrapeso da *natura* volatiliza-se na nebulosidade metafísica, na espiritualidade da escolástica; perde o sentido do concreto, porque despreza o contacto fecundo com o real. A *natura* sem o contrapeso da *ratio* é o caos, a desorganização, o sensualismo cego.³⁶

²⁹ Sílvio Lima, *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, ed. cit., p. 86.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 85.

³¹ Sílvio Lima, *O. C., I*, p. 539.

³² Idem, *ibidem*, p. 540.

³³ Idem, *ibidem*, p. 541.

³⁴ Idem, *ibidem*.

³⁵ Idem, *ibidem*.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 542.

No final da sua palestra sobre Montaigne, depois de sublinhar a necessidade permanente de “une règle, um método” que oriente a razão face à infinita confusão de dados empíricos recebidos do exterior, Sílvio Lima compara o século de Montaigne com o seu próprio século, arrastando, inevitavelmente, a identificação consequente entre o “espírito crítico” de Montaigne e o seu próprio enquanto professor expulso da Universidade pelo dogmatismo (igreja) e autoritarismo (Estado) actuais.

Para Sílvio Lima, este novo dogmatismo, que designa por diversas vezes pela expressão “odium theologicum”,³⁷ e que Ferreira da Silva, nos seus dois textos citados sobre Sílvio Lima, considera provir da união entre um Estado Novo patrioteiro e conservador, profundamente focalizado na repetição anedótica das glórias do passado português, e uma Igreja Católica ressabiada com as perseguições e humilhações que vinha sofrendo desde o Marquês de Pombal, é o cúmulo histórico desta mentalidade jurídico-político-eclesiástica dogmática, que expiou as perseguições de liberais, maçónicos e republicanos ao longo do século XIX e primeiro quartel do século XX, e que se assumiu revanchisticamente triunfante a partir de 1926, que irá desabar sobre Sílvio Lima em 1935, afastando-o do ensino universitário, retirando-lhe inclusivamente o diploma de professor do ensino secundário e particular. Nas *Notas Críticas ao Livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira, “A Igreja e o Pensamento Contemporâneo”*, livro editado em 1923 e já em 3ª edição quando Sílvio Lima escreve as suas *Notas Críticas*, este autor, ainda que num plano educado, desenvolve uma contundente e ferocíssima crítica, demolindo totalmente, através de um estilo interrogativo, analisador de cada frase, desdobrando-a em três ou quatro questões adjacentes, o pensamento de Gonçalves Cerejeira, seu antigo professor na Faculdade de Letras e, segundo informação de José Ferreira da Silva, o responsável, juntamente com Joaquim de Carvalho, pelo acesso de Sílvio Lima à carreira universitária.³⁸ Logo na primeira página, todo o volume de Gonçalves Cerejeira é considerado “obra infeliz de apologética católica”, o catolicismo é definido como “romanismo”, fazendo recordar velhos conflitos medievais entre o culto cristão visigótico e bracarense e a imposição do culto romano, com esmagamento daquele, o pensamento de Gonçalves Cerejeira é considerado por Sílvio Lima como movendo-se “entre pardos nimbos de confusão intelectual”,³⁹ e, ainda que perdoe ao autor “não ter sabido (ou não podido) sufocar as ondas emocionais que a sua fé lhe provoca”,⁴⁰ Sílvio Lima vai expondo as teses de Cerejeira para em seguida, através do seu estilo dubitativo e interrogativo, as arrasar uma a uma, dividindo-as em inúmeras pequenas questões a que junta inúmeros pontos de interrogação. Porventura é na “Nota Segunda” (correspondente à quinta conferência de Gonçalves Cerejeira),⁴¹ que encontramos bem explanado o estilo crítico de Sílvio Lima, desmontando palavra a palavra as teses do seu opositor.

Do ponto de vista da história da cultura portuguesa no século XX (único ponto de vista que aqui nos interessa), são duas as vertentes culturais radicalmente distintas e ainda (1930) suficientemente sangrantes do ponto de vista social que se debatem no conflito ideológico entre estes dois livros, o de Cerejeira e o de Sílvio Lima sobre a

³⁷ Cf “Post Scriptum à 2ª Edição», in *Notas Críticas ao Livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira, “A Igreja e o Pensamento Contemporâneo”*, O. C., I, p. 377, bem como o opúsculo *O Caso Clínico dum Teólogo*, Coimbra, ed. de autor, 1931, ou O. C., I, 517, 518 e 537.

³⁸ Cf. José Ferreira da Silva, *Sílvio Lima. História...*, ed. cit., p. XXXVI.

³⁹ Sílvio Lima, O. C., I, p. 379.

⁴⁰ Idem, *Ibidem*.

⁴¹ Idem, *ibidem*, pp. 391 ss.

obra do primeiro. O livro de Cerejeira tenta demonstrar que o pensamento português e europeu contemporâneo estava lentamente regressando à fé da Igreja Católica depois de um século e meio de ostensivo ateísmo, teísmo, panteísmo, positivismo, materialismo e cientificismo, e que o regresso das elites intelectuais à reconversão católica era testemunho evidente da agonia de todas estas filosofias. Não nos repugna considerar, no caso de Portugal, que *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*, publicado em 1923, dois anos antes da reedição em Lisboa da revista *Brotéria*, da Ordem de Jesus, e três anos antes do pronunciamento militar do general Gomes da Costa, que iniciará o processo de erecção do Estado Novo, predominantemente católico, evidencia o alto grau de consciência do mais alto representante institucional da Igreja no nosso país relativo ao apodrecimento social e político da I República e o pressentimento da necessidade de um livro que fizesse o ponto da situação do estado da Igreja em Portugal, considerando o reagrupamento das suas forças para uma nova evangelização pós-liberalismo e pós-república, o que acontecerá com o apoio dos católicos ao Estado Novo e posterior assinatura da Concordata de 1940 entre o Estado e a Igreja. Neste livro só se pode louvar a sensibilidade e a consciência exacta do momento do único Cardeal português, que vira premonitoriamente que a época da perseguição e da humilhação aos católicos estava findando e um novo tempo estava chegando.

Do mesmo modo, de um Cardeal não se deve esperar que escreva teses críticas racionalistas, de alto poder dubitativo e interrogativo, como parece que Sílvio Lima esperava. Da parte de Sílvio Lima, que publica as suas *Notas Críticas* em 1930, sete anos após a 1ª edição do livro e em plena Ditadura Militar, com inúmeros intelectuais e políticos exilados no estrangeiro, como Raul Proença, António Sérgio, Jaime Cortesão, Bernardino Machado e Afonso Costa, trata-se da reacção da vertente cultural do racionalismo português ao crescente domínio da vertente tradicionalista, afirmando-se através, não já da propaganda do Integralismo Lusitano, do regresso dos jesuítas a Portugal, da Cruzada de D. Nuno Álvares Pereira ou dos sectores democracia-crista (Oliveira Salazar pertencia a estes dois últimos núcleos), mas da afirmação de domínio exclusivo do aparelho de Estado. Se não recusarmos fazer da cultura um vasto palco de conflito, poderemos categoricamente afirmar que o embate entre Sílvio Lima e Gonçalves Cerejeira constitui o último grande duelo de ideias em Portugal em torno da expressão do pensamento da Igreja, onde as duas vertentes opostas e rivais, mesmo inimigas, desde os tempos finais do século XVIII, digladiam as suas teses contraditórias, agora com o final conhecido da vitória de uma Igreja encostada ao Estado, depois de durante 150 anos o Estado ter perseguido legislativa e socialmente a Igreja Católica. Face às postulações culturais da prevalência da fé e da igreja católica sobre o pensamento português constantes do livro de Gonçalves Cerejeira, retomando assim, sob a pena do mais alto dignitário da Igreja em Portugal, a tradição cultural quase milenar interrompida pelo consulado do Marquês de Pombal, e face às postulações racionalistas, de forte base científica, animadas do pendor crítico de Sílvio Lima, bem pode dizer-se que, repetindo a vigorosa polémica havida no princípio do século entre o jesuíta Santana e o médico Miguel Bombarda, as restantes polémicas portuguesas do século XX, mesmo se mediaticamente mais gritantes, possuem um estatuto cultural de mero conflito episódico-conjuntural entre correntes filosóficas ou visões do mundo, diferentemente daquela a que nos estamos referindo, que possui um estatuto de veras estrutural: constitui ela o esmagamento do racionalismo pelo espiritualismo vanguardista e providencialista português durante cerca de meio século, abafando duradouramente a expansão do espírito crítico e

científico em Portugal. Por todos estes motivos, não podemos estar de acordo com a interpretação que Rui Lopo faz, em texto inédito atrás referido, intitulado *Sílvio Lima. Um Cavaleiro do Amor* (2003), pretendendo encontrar na obra *O Amor Místico*, de Sílvio Lima, uma possível abertura ao tradicionalismo espiritualista português. Diferentemente, a afirmação da autonomia do discurso e do sentimento religiosos em Sílvio Lima, como em Abel Salazar (o famoso conceito de “religião indiferenciada”, sentimento de espanto que abre as portas à consciência para uma visão estética, metafísica e religiosa do mundo), não obscurece e muito menos anula, nestes autores, o privilégio atribuído à razão crítica, científica, analítica, interrogativa, como base e fundamento de construções teóricas sobre a realidade, como se constata pelos inúmeros ensaios escritos por Sílvio Lima posteriores a 1935, data da edição de *O Amor Místico*, nomeadamente esse altar do racionalismo que é *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*. Embora os jornais católicos manifestem a sua indignação religiosa pelo ataque de Sílvio Lima a Cerejeira,⁴² a verdade é que este, porventura devido à dignidade da sua função eclesial, não respondeu aos ataques do seu antigo aluno. Mas respondeu por ele o cónego Trindade Salgueiro, professor de Teologia no seminário de Coimbra e posteriormente bispo de Elvas, nos números 93-94 e 95-96 da revista *Estudos*, revista do Centro Académico da Democracia Cristã, de Coimbra, centro onde Cerejeira e Salazar tinham preponderado ao longo da década de 20, artigos posteriormente publicados em livro com o título *Um Livro Infeliz (Notas Críticas ao Livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira, “A Igreja e o Pensamento Contemporâneo”)*.⁴³ Trindade Salgueiro acabara de publicar o livro, *Apontamentos de Oratória Sagrada* e preparava a edição do seu próximo livro, *O Espiritismo*. Pelos títulos dos livros de Trindade Salgueiro pode constatar-se como era impossível estabelecer um ponto comum de diálogo entre o cónego defensor de Cerejeira e Sílvio Lima: é um diálogo de surdos, Trindade Salgueiro faz processos de intenção, levanta suspeições que nega no parágrafo seguinte (como o caso de Sílvio Lima obedecer a ordens da maçonaria para atacar a Igreja Católica), usando da retórica que ensinava no seminário em forma de oratória; e Sílvio Lima declara estar perante um caso de patologia, e, depreende-se, com malucos não se pode falar.

Com a resposta de Sílvio Lima, o caso parece morrer, mas não morreu, quatro anos depois chegam de Lisboa os resultados: em Maio de 1935, na primeira grande purga aos intelectuais oposicionista ou simplesmente incontroláveis, Sílvio Lima é expulso da Universidade de Coimbra. Sílvio Lima vai para o desemprego, Trindade Salgueiro é elevado a bispo, ou, dito de um modo cultural, o racionalismo é esmagado e o tradicionalismo espiritualista entronizado, com direito a púrpura, báculo em ouro, anel de bispo e viatura com condutor. Se ironizamos é para não condenarmos, já que, vinte anos antes, a cultura portuguesa assistira ao estranho e triste espectáculo exactamente inverso, com o racionalista Júlio de Matos e seus próceres, de tesoura, régua e compasso na mão, rapando o cabelo aos padres jesuítas do colégio de Campolide, medindo-lhe as bossas craniais e o dolicocefalismo do queixo para demonstrarem que apenas os rústicos e os mentalmente atrasados podiam acreditar nos dogmas da eucaristia e da virgindade de Nossa Senhora, isto para não falarmos das violentas expropriações de conventos e expulsão de ordens religiosas nos

⁴² Cf. súmula sobre as notícias publicadas em jornais católicos ou pró-católicos feita pelo próprio Sílvio Lima em *O. C., I*, p. 518.

⁴³ Trindade Salgueiro, *Um Livro Infeliz (Notas Críticas ao Livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira, “A Igreja e o Pensamento Contemporâneo”)*, Coimbra, edição da revista *Estudos*, 1931.

primeiros trinta anos de liberalismo constitucional e nos primeiros cinco anos de República. Assim, tanto o livro de Gonçalves Cerejeira, proclamando regresso de Portugal ao redil cristão, quanto a defesa do cónego Trindade, invectivando o racionalismo,⁴⁴ surgem como expressão de vitorioso arco de triunfo ultrapassador deste vale de lágrimas de martírio cristão em terras liberais e positivistas. De facto, à violência verbal de Sílvio Lima, Trindade Salgueiro responde com idêntica violência, sem receio de perseguições por parte do Estado; mais, como acima referimos, levanta a suspeita de que Sílvio Lima estaria ao serviço de “uma sociedade bem conhecida, embora secreta”, ou seja, a maçonaria; com esta suspeita, Trindade Salgueiro faz jogo feio: acena com os negros fantasmas da história recente da igreja portuguesa acusando subtilmente Sílvio Lima de ser maçã, isto é, de pertencer ao coração militante e prosélito do racionalismo português do século XIX que, desde Gomes Freire de Andrade, acossava o “trono e o altar”, ou, em linguagem popularucha da época, cópia da oratória de Babeuff, de enforcar o último aristocrata no cabeção do último bispo. Num feixe de argumentações exteriores ao debate, Trindade Salgueiro, como bom professor de oratória, vai deixando no ar suspeitas que ele próprio diz não querer levantar nem acreditar. “Repugna-nos aceitar qualquer destas hipóteses”, isto é, “o desejo que teve o autor [Sílvio Lima] de se tornar conhecido”⁴⁵ ou de fazer escândalo, para além de ter levantado a hipótese de o livro de Sílvio Lima ter sido uma encomenda da maçonaria, obrigando Sílvio Lima, em resposta, a declarar taxativamente que não é maçã.⁴⁶ O conteúdo do livro de Trindade Salgueiro é, filosoficamente falando, totalmente oco, escudado numa retórica ideológica de puro proselitismo católico e Sílvio Lima, respondendo-lhe à letra, rebaixa os seus argumentos a idêntico nível, agora de proselitismo racionalista. Sílvio Lima não devia ter respondido, aliás nem devia ter comentado o livro de Gonçalves Cerejeira, que apenas escreveu o que se espera de um bispo atento, culto e inteligente. Trindade Salgueiro divide o núcleo do seu livro em quatro partes, “Infelicidade de Maneiras”, “Infelicidade de Forma”, “Infelicidade de Redacção” e “Infelicidade de Crítica”, concluindo que no livro de Sílvio Lima tudo o que lera fora “infeliz”, não encontrando ideias sólidas, mas apenas uma “atitude impertinente, que um racionalismo rígido facilmente explica”.⁴⁷ De facto, Trindade Salgueiro tem razão ao considerar a atitude de Sílvio Lima infestada de “racionalismo rígido”, e Sílvio Lima tem razão em acusar Trindade Salgueiro de “Odium Theologicum”, isto é, de revanchismo eclesial sobre as diversas tentativas modernistas e racionalistas de actualizar a cultura portuguesa. De facto, ambos constituem-se como duas sentinelas emergidas de forças subterrâneas culturais que se olham mutuamente, não se entendendo e desprezando-se mutuamente; até ao século XVIII, um deles acabaria morto ou preso; no século XX, Sílvio Lima acabou desempregado, como muitos outros, que encontraram no exílio europeu, brasileiro ou americano os meios de subsistência e a liberdade de expressão que lhes fora negado em Portugal, país que rapidamente inicia, a partir de 1933, a brutalização e a bestialização da sua população, condenada ao analfabetismo pelo Estado, e o domínio das populações rurais pela ideologia oficial da Igreja, que era a ideologia oficiosa do Estado, ou seja, um profundo e contínuo abafamento do pensamento crítico português que obrigou a que tudo o que fosse novo ou original, nesta e na década seguinte, fosse considerado

⁴⁴ Cf. Trindade Salgueiro, *op. cit.*, p. 6.

⁴⁵ *Idem, ibidem.*

⁴⁶ Cf. Sílvio Lima, *O. C., I*, p. 518.

⁴⁷ Cf. Trindade Salgueira, *op. cit.*, p. 167.

subversivo, como os romances de José Régio, a obra dos neo-realistas e as intervenções dos surrealistas.

Em Janeiro de 1935, sai a público, pela Imprensa da Universidade de Coimbra, o livro de Sílvio Lima, *O Amor Místico. Noção e Valor da Experiência Religiosa*, que constitui a dissertação do autor para o concurso a professor auxiliar da Faculdade de Letras. Quatro meses depois, Sílvio Lima é compulsivamente demitido da universidade. Em carta posterior a Barahona Fernandes, na sua linguagem de sempre, dividindo mundo cultural português entre racionalistas e dogmáticos (efeito notório de um tempo de radicalismo mental a todos os níveis), Sílvio comenta deste modo os acontecimentos:

... o meu estudo «O Amor Místico». Não sei se V. já o possui. Possivelmente não. Durante vários anos estive exilado das livrarias, vendido *clandestinamente* como matéria inflamável e subversiva. Valeu-me justamente com outro estudo «Notas Críticas» o ter sido demitido de Professor Universitário (durante 6 anos e meio) pelo «salvador» [Oliveira Salazar] político desta pobre nação.⁴⁸

Em outra carta, preciosíssima, somos informados porque o livro *O Amor Místico*, inicialmente projectado para 3 volumes, não passou do primeiro:

Solicita-me [Barahona Fernandes] dados para a elaboração do texto. *Só publiquei o 1º volume* de «O Amor Místico», impresso em 1935; como sabe, esta dissertação destinava-se a ser apresentada no concurso para professor extraordinário, que oficialmente requeri. Mas o tal ex-vivo de Santa Comba – de génio mau e vingativo – cortou-me as voltas; ferido no seu dogmatismo e intolerantismo católico (?) pelo facto da publicação das «Notas críticas» ao livro do seu amigo Cardeal cerejeira (livro objectivo, de pura discussão livre e crítica de ideias) o tal ex-vivo... matou-me, expulsando-me da Universidade em *16 de Maio de 35*, isto é, poucos meses depois da impressão de «O Amor Místico» e da requerida abertura de concurso. «O Amor Místico» não foi pois *discutido*; porque fui incluído na lista dos professores demitidos ao «desabrigo» do famoso decreto-Lei nº 25.317 («massacre não de S. Bartolomeu, mas de Santa-Comba»), o livro, implicitamente, decapitado. O caso – na verdade barbárico – recorda a «mula do Papa» das «Lettres de mon Moulin» do Diderot. Vi-me obrigado – por causa do «olho policial» da «Pide» que inspeccionava os escaparares das livrarias – a vender *clandestinamente* o volume e a oferecê-lo a grande número de amigos e a desconhecidos, que pelo correio, manifestavam o desejo de o adquirir. Regressado á Universidade em 6-II-42, por pressão amiga do Prof. Mário de Figueiredo, nunca mais pensei em escrever o 2º volume de «O Amor Místico», certo que o 2º volume se nascesse teria igual ou pior sorte que o seu primeiro irmão, o primogénito. E assim fui escrevendo outras coisas (de variado leque intelectual) até me aposentar; ... guardo nas minhas gavetas abundante material de estudo para o 2º volume, mas hoje... já não sinto força mental para abrir a porta da minha «forja».⁴⁹

Com esta auto-interpretação de Sílvio Lima sobre os acontecimentos que rodearam a publicação de *O Amor Místico*, torna-se evidente que a sua expulsão da universidade se deveu mais a razões religiosas do que a razões políticas *prima facie* (não é conhecida nenhuma militância partidária sua, nem mesmo um explícito e público apoio à oposição política ao Estado Novo, embora, por todos os seus escritos e forte amizade com António Sérgio e Joaquim de Carvalho, não se duvide da sua real

⁴⁸ Carta de Sílvio Lima a Barahona Fernandes de 26 de Novembro de 1945, inserta em Barahona Fernandes, *Revivendo um Ensaio de Sílvio Lima Decapitado pela Censura - «O Amor Místico»*, Coimbra, separata da revista *Biblos*, LV, p. VIII, 19??

⁴⁹ Carta de Sílvio Lima a Barahona Fernandes de 16 de Outubro de 1978, Idem, *ibidem*.

oposição a Oliveira Salazar), para além de que Joaquim de Carvalho, com ampla actividade de democrata liberal, por exemplo em 1933, não foi expulso da Universidade. A expulsão de Sílvio Lima deveu-se, sem dúvida, primeiro, em 1930, à aplicação do seu método de livre exame crítico ao pensamento de Gonçalves Cerejeira – o mais alto dignitário da Igreja Católica em Portugal -, e, segundo, em 1935, à aplicação do mesmo método ao fenómeno do amor místico; curiosamente, neste último caso, Sílvio Lima, sem explicitar o apoio a qualquer tese sobre a origem transcendente deste tipo de amor, considera no entanto que o amor místico e o sentimento religioso são irreduzíveis a causas sociais – mas a tese já não fora certamente lida pela hierarquia católica, que não esquecera a virulência de Sílvio Lima quatro anos antes. Não compartilhamos das teses conspirativas da História, segundo as quais tudo o que sucede é expressão de cabalas orquestradas subterraneamente, e, portanto, não nos interessa pesquisar (se tal fosse possível) se Oliveira Salazar terá recebido conselho do seu íntimo amigo Gonçalves Cerejeira para incluir o nome de Sílvio Lima na lista de professores expulsos. Basta-nos a justificação do próprio decreto-lei: são cidadãos inconfiáveis, o Estado Novo não pode confiar nestes professores. Porém, para além desta, que funciona como causa final (como resultado de um processo), não encontramos outra causa, próxima ou longínqua, da expulsão de Sílvio Lima que não seja o ataque que este autor fez contra o cardeal Cerejeira, o “Príncipe da Igreja”, como então rapidamente se tornará conhecido. Assim, partindo deste argumento, que nos parece razoável, cabe a Sílvio Lima o orgulho heróico de ter sido o último racionalista português a sofrer uma directa e explícita perseguição religiosa devido à manifestação pública das suas ideias, já que os restantes professores expulsos foram-no, uns abertamente, outros veladamente, por motivos políticos, isto é, pela sua ligação, actual ou passada, a elementos oposicionistas. E, paradoxo dos paradoxos, *O Amor Místico*, ainda que inconclusivo na sua investigação (Sílvio Lima adiará as conclusões para o 2º volume), tenta salvar a experiência fenoménica das manifestações deste tipo de amor religioso com a identificação que a psicanálise fizera, precipitada, segundo o autor, com o amor sexual. Como Barahona Fernandes comenta:

Propõe-se Sílvio Lima, logo na nota preambular, «tratar com severo rigor científico o problema do amor místico» de uma forma que classifica de «estruturalmente crítica e de espírito universal». O estilo é conciso, claro e incisivo: Leia-se a pág. XI:

«A religião – diz-se – é Amor.

Deus é amor.

- Mas que espécie de amor?

- Poder-se-á identificar – como tantos querem, clássicos e modernos – o amor *sexual* com o amor *religioso*?

- Derivará o segundo do primeiro – por recalque, transferência ou sublimação?

- Ou porventura terão ambos os fenómenos raízes diferentes?⁵⁰

A última hipótese, contra a explicação psicanalítica (constante das duas linhas anteriores), constitui a tese de partida de Sílvio Lima. Rui Lopo, no texto inédito citado, é da mesma opinião:

Já em 1935, toda a longuíssima exposição de Sílvio Lima em *O Amor Místico – Noção e Valor da Experiência Religiosa* consiste numa tomada de posição contra o reducionismo na tematização filosófica e científica do fenómeno religioso. A psicanálise é aqui apresentada como modelo biológico-psicologista que encerra a

⁵⁰ Barahona Fernandes, *op. cit.*, p. IX.

possibilidade de uma exaustiva interpretação da experiência amorosa humana, e mais concretamente da experiência de amor religioso e místico. Lima procede então à crítica da eficácia ou operatividade da psicanálise do amor místico, definida esta como “teoria erotogénea do misticismo”, isto é, como modelo que “identificaria o amor sexual como amor religioso”, ou pelo menos que atribuiria ao primeiro o primado sobre o segundo, fazendo-o derivar daquele à maneira de uma causa originante. O estudo incidirá assim sobre as complexas e múltiplas relações existentes entre o místico e o sexual, entre a experiência religiosa e a experiência sensual, entre os movimentos do espírito e os da carne... procurando no entanto ressaltar a diferença entre ambos e concluindo pela irreducibilidade do amor místico ao amor sexual, mostrando que as manifestações de emocionalismo, sensualidade ou sexualidade (designadas como patológicas ou não) entre os místicos são efeito não essencial mas ocasional, isto é, nem constitutivo, nem necessário, nem permanente da mística.⁵¹

Entre as páginas XI e XIV do ensaio de Barahona Fernandes, este presta-nos uma admirável síntese da envolvimento cultural do livro de Sílvio Lima, demarcando-lhe o fundo mental e a influência filosófica portuguesa:

Numa primeira visão global e situada [de *O Amor Místico ...*], esta obra de Sílvio Lima – na época da sua elaboração, no início dos anos trinta – depara-se-nos com um estudo densamente erudito, basicamente psicológico, mas com extensas implicações histórico-sociológicas e ético-filosóficas. A posição espiritual que o anima é basicamente *racionalista* [sublinhado do autor] (embora não secamente «intelectualista») na linha das repercussões do iluminismo em Portugal, entroncando conceptualmente naqueles que, ao que julgamos, mais o inspiraram – António Sérgio e Joaquim de Carvalho.⁵²

E, um pouco mais à frente, centrando a sua análise nos estudos introdutórios da psicanálise em Portugal, escreve Barahona Fernandes:

Não se esqueça que estaríamos, por hipótese, a falar em 1935 e em Portugal. Depois de certas divulgações literárias e jornalísticas da psicanálise, Freud não tinha ainda penetrado na psicologia universitária. Nem tão pouco na psiquiatria portuguesa, apesar das abordagens feitas, entre poucos mais, por Egas Moniz (fora da sua linha naturalista organicista de investigação), da aproximação não plenamente explicitada mas fundamente compreensiva de Sobral Cid, através dos seus estudos de inspiração bleuleriana (sobre a esquizofrenia e outros) e também sem a adesão nem desenvolvimento especial do ensino e prática psicoterápica de Elysio Moura, das suas aplicações à psiquiatria infantil por Vítor Fontes, etc.

Registe-se no entanto, logo na página 10 [do ensaio de Sílvio Lima], as referências concretas a Egas Moniz (*A Vida Sexual*), a José de Sousa (*O Misticismo*) e Vítor Fontes (...), o primeiro aceitando o fundo sensual do amor religioso, o segundo o amor místico como forma patológica do amor, o terceiro mais francamente freudiano – o amor divino representando a exteriorização sublimada de desejos francamente sexuais. Cita ainda (p. 11) Aarão de Lacerda («Fenómeno Religioso e a Simbólica») e, sem comentário agressivo, ainda Gonçalves Cerejeira, ao verberar a «enormidade obscena desses psiquiatras da escola de Kraft-Ebing que tem o gosto do que é sujo... e falam do que não conhecem».⁵³

Situado por Barahona Fernandes o estudo de Sílvio Lima no horizonte cultural português de 1935, Rui Lopo conclui sinteticamente:

Em suma, poderíamos quase ver em Sílvio Lima como que um reformador da psicanálise na medida em que considera que ela redundava num «exagero sistemático», fornecendo todavia «penetrantes luzes sobre o assunto». As luzes que a psicanálise fornece para a

⁵¹ Rui Lopo, textos inédito, manuscrito, *Sílvio Lima. Um Cavaleiro do Amor*, s/página, 2003.

⁵² Cf. Barahona Fernandes, *op. cit.*, p. XI.

⁵³ Idem, *ibidem*, p. XIV.

compreensão da experiência do amor místico servem bem para dar conta de que a sexualidade pode infiltrar-se inconscientemente na experiência [místico-religiosa] mas esta não se pode reduzir àquela: «a psicanálise, desgarrada pelo postulado apriorístico do panssexualismo, desfigura, exagerada e erroneamente, o claro perfil dos factos».⁵⁴

Mesmo atribuindo à experiência religiosa uma autonomia teórica que a diferenciaria das análises psicológicas empiristas e psicanalíticas, Sílvio Lima não se salvou de atrair sobre si a ira do Estado Novo e da Igreja Católica portuguesa através da sua expulsão da Universidade de Coimbra, forçando-o a sobreviver durante sete anos sem meios próprios de subsistência, e, posteriormente, negando-lhe a “cátedra”. Este estranho e violento fenómeno social não aconteceu há trezentos ou quatrocentos anos, mas apenas há pouco mais de cinquenta anos.

3. – APROXIMAÇÃO EMPÍRICO-RACIONALISTA DA FILOSOFIA

Para além do seu estilo filosófico, porventura o texto onde melhor detectamos a filosofia ou a aproximação interpretativa de Sílvio Lima aos temas permanentes da filosofia é *O Determinismo, o Acaso e a Previsão na História*,⁵⁵ ensaio que serviu de texto base das suas aulas de Teoria da História. Ao modo do racionalismo de Vieira de Almeida e de António Sérgio, Sílvio Lima nega a existência de um determinismo ontológico inscrito na realidade, seja naturalisticamente, seja providencialisticamente:

O determinismo é tão só *postulado* pelo nosso intelecto, constitui uma metodológica hipótese de trabalho, um pressuposto que a experiência mostra ser fecundo: (...) representa uma condição «sine qua non» da coerência do universo”.⁵⁶

Justamente porque possuindo o estatuto de “postulado” racional, Sílvio Lima recusa a existência de um determinismo histórico que racionalmente, enquanto princípio ontológico, ínsito na realidade, toda a realidade, governasse a marcha da humanidade:

“Como o prudente Herculano [Sílvio Lima refere-se à troça irónica de Alexandre Herculano face ao conceito de “lógica da História” de Oliveira Martins: “eu posso lá saber O que é a lógica da História que sai da sucessão dos factos históricos”⁵⁷], repudiamos essa lógica inerente à história, seja ela de inspiração idealista à Hegel e Proudhon, ou materialista à Max (sic)”.⁵⁸

Porém, repudiando a existência de uma lógica da História, Sílvio Lima, porque adere ao postulado determinista, aceita igualmente uma lógica de “tendências” históricas fundadas na “previsibilidade probabilística” a “curta distância”, com base em factos reais do presente”.⁵⁹ Ao contrário da História como “rígido mecanismo”⁶⁰ do movimento da sociedade, Sílvio Lima postula a determinação de conhecimentos probabilísticos do futuro a curto prazo (“para o que parece tender-se”) através de um

⁵⁴ Rui Lopo, *op. cit.*, s/página.

⁵⁵ Sílvio Lima, *O Determinismo, o Acaso e a Previsão na História*, Coimbra, Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra, sep. da revista *Biblos*, vol. XIX, Tomo I, 1943.

⁵⁶ Cf. Idem, *Ibidem*, p. 321. Sublinhado do autor.

⁵⁷ Cf. Idem, *ibidem*, p. 352.

⁵⁸ Cf. Idem, *ibidem*, p. 354.

⁵⁹ Cf. Idem, *ibidem*.

⁶⁰ Cf. Idem, *ibidem*, p. 355.

estudo “objectivo, metódico e informado das entranhas do presente”.⁶¹ Porém, não metafisizando a razão, como vimos, recusando a fórmula hegeliana de que todo o real é racional e todo o racional real, Sílvio Lima nunca abandonara a concepção sergiana da razão como instrumento da verdade ou como único instrumento cognitivo de acesso à verdade. Neste sentido, e como exemplo, Sílvio Lima, na tematização do acaso, contestando a teoria de Cournot do acaso como “o concurso de 2 ou 3 acontecimentos contingentes cada um dos quais tem a sua causa, de modo tal que o seu concurso não tem causa alguma que nós conheçamos”⁶², propõe que o acaso seja apenas motivado pelo “desconhecimento das “leis” que regem o fenómeno exacto que cobrimos com o vocábulo “acaso”; e, na página 331, insiste que “já opinámos que o acaso, mesmo encarado como interferência accidental de séries causais autónomas, assenta na ignorância das leis”.⁶³ Encarado deste modo o determinismo e o acaso, Sílvio Lima confessa-se igualmente contra o “indeterminismo” postulado “pela nossa época”⁶⁴ pelas leis da física “atómica”, evidenciando que o que se designa por indeterminismo mais não é que a projecção do modelo determinista que rege as “massas macroscópicas”⁶⁵ para o domínio da “física corpuscular quântica”: “Esta extrapolação é que *range*”.⁶⁶ Mesmo assim, a física quântica elevada matematicamente segundo leis ou regularidades estatísticas, “não desmorona o determinismo; pelo contrário, pressupõe-o”⁶⁷, isto é, tal como na tematização do acaso, pressupõe “a um tempo, a *determinação* de um conjunto de a *indeterminação* de cada elemento que faz parte integralmente desse mesmo conjunto”.⁶⁸

Encarado o determinismo como um postulado, o acaso como ignorância de leis e o indeterminismo microcósmico como resultado da aplicação de um modelo de patamar físico diferente, Sílvio Lima crê ser necessário acrescentar, como o fazem “Hegel, Dilthey, Windelband, Rickert”, à razão pura e à razão prática, uma “razão histórica”: como “a razão é sempre dinamismo, construção e reconstrução, numa palavra, processo dialéctico”,⁶⁹ à razão que organiza os factos exteriores do conhecimento (sensações, percepções), unificando-os e interpretando-os, acresce a razão que unifica os factos sociais da história, unificando-os e interpretando-os em grandes teorias estabelecidas do sentido da História, tentando “tornar inteligível o homem”. Neste sentido, recusando Sílvio Lima o carácter ontológico ou teleológico das teorias da Histórias, estas apenas possuem sentido, enquanto produtos da “razão histórica”, no interior de um “arranjo [conceptual] susceptível de contínua rectificação crítica”,⁷⁰ isto é, teorizando e rectificando, quase empiricamente, as “tendências” a curto prazo da actualidade histórica.

Se o racionalismo constitui o quadro mental ou a orientação filosófica fundamental de Sílvio Lima, este quadro ou orientação é sempre preenchido através da interpretação dos dados empíricos produzidos pelas sensações, percepções e memória recognitiva ,

⁶¹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 354.

⁶² Cf. Idem, *ibidem*, p. 326.

⁶³ Cf. Idem, *ibidem*, p. 331.

⁶⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 329.

⁶⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 331.

⁶⁶ Cf. Idem, *ibidem*. Sublinhado do autor.

⁶⁷ Cf. Idem, *ibidem*.

⁶⁸ Cf. Idem, *ibidem*, p. 332.

⁶⁹ Cf. Idem, *ibidem*.

⁷⁰ Cf. Idem, *ibidem*.

como o ilustram os seus trabalhos no campo da psicologia experimental e no seu ensaio de 1947, altamente ilustrativo do modo como recolhe empiricamente os dados conceptuais, intitulado *Normal, Anormal e Patológico*, fazendo assentar a definição destes três estados ou qualidades na separação empírico-social entre “juízos de valor” e “juízos de facto”,⁷¹ assentes na medição por “frequências estatísticas”,⁷² criando “standarts” de comportamento, posição extremamente empirista e pragmática face a conceitos tão subjectivos como os três referidos. Do mesmo modo, a interpretação que Sílvio Lima faz da obra de arte joga igualmente com o equilíbrio entre razão e sensibilidade empírica, neste caso não de factos exteriores, mas de emoções estéticas íntimas: na arte,

a *ordem* clássica pressupõe – como sua matéria-prima – a *desordem* interior das «emoções confusas e profundas»; porque a ordem, base necessária da criação artística, vem por cobro ao tumulto, e é tanto mais valiosa e pura quanto maior for a disciplina realizada dentro desse tumulto. De aqui a grave *serenidade* que respira a obra clássica resultante não da ausência, ou morte, dos instintos, mas do *auto-domínio* da razão coordenadora e unificante sobre os instintos domados. Toda a obra de arte representa uma *vitória* do Espírito, [da Razão], do Eu (...); é o equilíbrio racional das tendências psico-físicas em tensão.⁷³

Na História, na arte ou na conceptualização de categorias sociais e filosóficas, como em toda a rede de conceitos que dão coerência a categorias como “normal” e “anormal”, a atitude de Sílvio Lima é sempre a de considerar a “razão coordenadora e unificante” como horizonte acolhedor e interpretador dos dados empíricos, os factos sociais e políticos, os “instintos” tumultuosos íntimos ou os comportamentos individuais.

Se, para Sílvio Lima, o modelo de ensaísta é aquele que faz da prática da razão um uso livre e crítico, permanentemente rectificativo e interrogativo, que estabelece o crivo da dúvida como instrumento primeiro de recolha dos dados empíricos, dos factos sociais, das emoções íntimas e dos habituais comportamentos individuais, o modelo dos modelos de todos os ensaístas é, para este autor, Montaigne, a figura arquetipal que encarna o paradigma de uma razão pessoal auto-construindo-se de um modo original, e o modelo dos modelos do método racional, diferencial da verdade (provisória) do erro permanente, é o método de Descartes; e ambos, Montaigne e Descartes, os fundadores da modernidade europeia:

Sim, porque a razão de Aristóteles não é a razão de Descartes. A primeira é classificatória e ontológica; toma por modelo mental a botânica e a zoologia: fala de géneros lógicos e literários, como de géneros vegetais e animais; ordena o ser por géneros e espécies. A segunda é relacional e epistemológica: toma por modelo as matemáticas gerais; em vez de géneros, espécies, subespécies, procura a lei, as puras e inteligíveis relações geométricas e algébricas. Esta revolução ideológica (...) arrasta consigo a estrondosa queda de Aristóteles e, «ipso facto», à bancarrota do formalismo lógico e estético do pretérito.⁷⁴

⁷¹ Cf. Sílvio Lima, *Normal, Anormal e Patológico*, Coimbra, separata da revista *Biblos*, vol. XXII, 1947, pp. 46 – 48.

⁷² Cf. Idem, *ibidem*, p. 49.

⁷³ Cf. Sílvio Lima, *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, ed. cit., pp. 182 – 183. Sublinhados do autor.

⁷⁴ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 175 – 176.

Assim, razão relacional, que ordena e unifica os factos empíricos em leis universais num quadro mental postuladamente (mas não ontologicamente) determinista, tal conceito de razão – extremamente semelhante ao conceito de razão de António Sérgio e de Vieira de Almeida – tem de corresponder, como seu registo escrito, a uma forma aberta, plural, investigativa, como é o “ensaio”, não enquanto género literário, mas enquanto registo escrito de uma nova atitude mental, igualmente aberta, plural e investigativa, nascido no “Renascimento”, como “réplica de criação de vida livre sobre a ruína do aristotelismo”⁷⁵ dogmático, e cultivada pelos autores então e posteriormente profundamente inovadores, como Bacon, Locke, Descartes, e especialmente Montaigne, seu pai filosófico. Razão crítica e ensaio são assim não só historicamente coetâneos como epistemologicamente afins, constituindo-se o ensaio (escrito ou laboratorial) como a realização concreta da razão ou como sua estrutura de criação e desenvolvimento:

O ensaio é uma atitude ginástica [expressão usada por António Sérgio] do entendimento que, repudiando o autoritarismo, pensa firmemente por si só e por si próprio. Quer dizer, o ensaio é o *espírito crítico*, o *livre exame*. Representa ainda aqui (...) uma auto-disciplina do intelecto que busca organizar-se, estruturar-se e definir-se como *razão*. O ensaio é um *método humanístico*, é o método humanístico.⁷⁶

4. – O DESPORTO COMO *IMAGO MUNDI*

Em 1937, 1938 e 1939, Sílvio publica três ensaios centrados no tema do desporto: *Ensaio sobre o Desporto*,⁷⁷ *Desporto, Jogo e Arte*⁷⁸ e *Desportismo Profissional. Desporto, Trabalho e Profissão*.⁷⁹ Com estes três pequenos ensaios, Sílvio Lima torna-se o primeiro pensador português a elaborar uma teoria do desporto em si próprio, liberto dos condicionalismos psico-pedagógicos inerentes à teoria da acção e do jogo infantil como instrumento educativo de crescimento saudável, já então desenvolvida em Portugal, desde 1909, por Faria de Vasconcelos, nas suas *Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental*. Devido à sua formação em psicologia em Bruxelas e aos seus trabalhos laboratoriais de psicologia da memória em Genebra, em 1928, com os professores Edouard Claparède, Pierre Bouvet e madame Antipoff,⁸⁰ seria normal que Sílvio Lima aprofundasse as teorias psicológicas sobre o jogo infantil e o desporto; porém, o que nos surge, em finais da década de 30, é uma teoria geral do desporto, seguido, em 1940, por uma teoria do “luxo”,⁸¹ justamente na época em que o autor se encontra involuntariamente desempregado (1935 – 1941). Uma

⁷⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 135.

⁷⁶ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 201 – 202, sublinhados do autor.

⁷⁷ Sílvio Lima, *Ensaio sobre o Desporto*, Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1937.

⁷⁸ Sílvio Lima, *Desporto, Jogo e Arte*, Porto, Civilização Editora, 1938; 2ª ed.: Lisboa, Ministério da Educação, 1987.

⁷⁹ Sílvio Lima, *Desportismo Profissional. Desporto, Trabalho e Profissão*, Lisboa, Ed. Inquérito, 1939; 2ª ed.: Lisboa, Ministério da Educação, 1987.

⁸⁰ Manuel Viegas Abreu, *Relembrando o «Problema da Recoguição» de Sílvio Lima, Mestre de Atitude Crítica e do Método Experimental*, Coimbra, separata da revista *Biblos*, vol. LV, s/d, [1979], p. 5, refere apenas Claparède e Bouvet como professores de Sílvio Lima; José Ferreira da Silva, em *Sílvio Lima, História*, ed. cit., p. XXXVI, refere Claparède e madame Antipoff como professores ou orientadores dos trabalhos experimentais de Sílvio Lima. Porém, o próprio Sílvio Lima, na introdução ao seu livro sobre a recoguição, refere explicitamente três professores, Claparède, Bouvet e madame Antipoff (*O.C., I.*, p. 189), ainda que apenas dedique o seu livro aos dois primeiros.

⁸¹ Sílvio Lima, *Serão Luxos a Ciência e a Arte?*, Coimbra, ed. de autor, 1940.

explicação possível sobre a dedicação de Sílvio Lima a este tema poderá advir do seu convívio, em 1936, em Madrid, mercê de uma bolsa europeia de estudo da Academic Assistance Council, apadrinhada da Holanda por Aurélio Quintanilha, também expulso do ensino universitário por Salazar em 1935 (modo por que os regimes democráticos europeus tentavam contrabalançar as prejuízos pessoais e profissionais dos democratas perseguidos em regimes totalitários), com o biólogo espanhol Gregório Maraño, interessado pelo desporto, e que Sílvio Lima cita e contesta em *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, em *Ensaaios sobre o Desporto*,⁸² em *Desporto, Jogo e Arte*⁸³ e em *Desportismo Profissional*,⁸⁴ isto é, em todos os seus livros sobre o desporto Sílvio Lima referencia e contesta Maraño, de quem fora amigo pessoal em Madrid, em 1936, sendo os seus livros sobre o desporto dos três anos subsequentes. Porém, não devemos esquecer possuir E. Claparède, o mais eminente mestre de Sílvio Lima em Genebra, uma teoria do jogo como “livre perseguição de fins fictícios”, como “ilusão” auto-consentida, citando Sílvio Lima o seu antigo professor em *Desporto, Jogo e Arte*.⁸⁵ Porventura dever-se-á à confluência do convívio com Claparède e com Maraño, e certamente a oportunidades editoriais de momento, o interesse de Sílvio Lima pelo desporto. E felizmente que se interessou por este tema, porque é justamente através da teoria do desporto que Sílvio Lima, abandonando a especificidade da terminologia técnica da filosofia, nos vai legar a sua concepção filosófica sobre o mundo e o homem. Assim, para este autor, o desporto espelha em perfeição a *imago mundi* geral do homem face à natureza, face a si próprio e face aos outros, assentando nesta capacidade de retratar o homem de um modo essencial e universal o rápido sucesso do desporto entre as multidões. Dos três ensaios, o mais completo é indubitavelmente o segundo, *Desporto, Jogo e Arte* (1938), que, num estudo aprofundado, deveria ser intimamente ligado ao ensaio de 1940, *Serão Luxos a Ciência e a Arte?*, onde Sílvio Lima defende que...

o luxo é afinal tudo o que transcende o utilitário, tudo o que superflui; o luxo é a superfluidade, o inutilitarismo. A ciência, a moral, a arte são irredutíveis ao económico, ao mercantil. O luxo é, portanto, um fenómeno especificamente humano, ultra-animal [no sentido que ultrapassa a animalidade], supra-biológico [no sentido que ultrapassa as necessidade biológicas].⁸⁶

... unindo assim, sob o mesmo conceito de “inutilitarismo”, enquanto acções/actividades que não possuem um fim exterior a si próprias, o desporto, o jogo, a ciência e a arte como expressões mais radicais da essência antropológica do homem. Em *Desporto, Jogo e Arte*, estabelece o que poderíamos designar pelas quatro características essenciais do desporto: 1. – fidelidade e respeito pelas regras auto-consentidas, numa atitude madura e racional de obediência livre;⁸⁷ 2. – em jogos de grupo, subordinação do individual ao colectivo, integrando o egotismo próprio do eu numa estrutura de “unidade”,⁸⁸ exigindo ao mesmo tempo, a cada elemento, o “máximo” de “responsabilidade”; 3. – uma atitude face ao outro ou a outra equipa com base em vínculos de laços morais: “o outro é um colaborador... antagonista”;⁸⁹ 4.

⁸² Cf. Sílvio Lima, *Ensaaios sobre o Desporto*, ed. cit., p. 13.

⁸³ Cf. Sílvio Lima, *Desporto, Jogo e Arte*, in *O. C., II*, p. 1005.

⁸⁴ Cf. Sílvio Lima, *Desportismo Profissional*, in *O. C., II*, p. 1083.

⁸⁵ Cf. Sílvio Lima, *Desporto, Jogo e Arte*, in *O. C., II*, p. 1004.

⁸⁶ Cf. Sílvio Lima, *Serão Luxos a Ciência e a Arte?*, ed. cit., p. 59.

⁸⁷ Cf. Sílvio Lima, *Desporto, Jogo e Arte*, in *O. C., II*, p. 1044.

⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 1045.

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 1046.

– o desporto exige um esforço de constante e rigoroso aperfeiçoamento físico-muscular.⁹⁰ Como se constata, esta visão de Sílvio Lima é uma autêntica transposição das características do ensaio para o mundo da competição desportiva, ambos vinculados à mesma exigência racional de unidade, ao mesmo contínuo aperfeiçoamento pessoal de possível perfectabilidade (um intelectual, outro muscular; a razão como ginástica do intelecto e o desporto como razão auto-controladora dos impulsos do corpo), a mesma função do “outro”, não como inimigo a esmagar e abater, mas como adversário a convencer através da argumentação (ensaio) ou a vencer sem ofender (desporto), o mesmo auto-controle da razão através do rigor da informação e da lógica do raciocínio (o ensaio) ou das forças do corpo, subordinando-as e dirigindo-as para o objectivo geral do jogo (desporto), e a mesma integração do pensamento original e pessoal do ensaísta na história do pensamento da humanidade (ensaio) ou do seu esforço muscular no todo físico da equipa que permitirá vencer o adversário. Possuindo uma visão lúdica e agonística do desporto, fundada numa base competitiva, desprovida da sua faceta vitoriosamente triunfante, Sílvio Lima como que opõe o desporto à caça (que mata o adversário), como opõe o ensaio ao tratado (que cristaliza e mata o dinamismo do pensamento). Assim, o desporto surge, na teoria de Sílvio Lima, como a actividade popular por excelência equiparada à ciência e à arte (as três desenvolvendo actividades económica e biologicamente “inúteis”, como acima vimos) e as três, com diferenças específicas, constituindo como que a *imago mundi* da humanidade. Tal como o ensaio reflecte a visão desportiva do mundo e ainda que com estatutos epistemológicos diferentes, para Sílvio Lima podem equiparar-se as actividades próprias do cientista e do artista à actividade desportiva. A primeira característica do desporto (fidelidade e respeito pelas regras auto-consentidas) exprime-se na actividade científica pela subordinação dos dados empíricos da observação à estrutura racional de pensamento, buscando a unidade da lei científica que subjaz ao incessante e inconstante movimento alterativo das sensações, e, na actividade artística, a subordinação da multiplicidade sensorial das emoções à unidade estrutural da obra; a segunda característica, ao apagamento do cientista face aos resultados das suas experiências, elevando estas a um plano conceptual de universalidade, e, na arte, à criação de obras estéticas universais, válidas para todos os homens como património da humanidade, independentemente da espacialidade geográfica e dos condicionalismos temporais da sociedade; a terceira característica desenha a emulação franca, a competição sadia entre os cientistas na “busca da verdade” e entre os artistas na realização de valores estéticos universais; a quarta característica identifica-se com o esforço racional da crítica metódica permanente a que ciência voluntariamente se auto-submete e com o aperfeiçoamento estético de cada novo artista e de cada corrente estética face aos anteriores. Tal como o desporto pressupõe um rigorosíssimo conjunto de regras e procedimentos auto-aceites pelos seus praticantes, no interior dos quais se desenha um “esforço volitivo permanente” (p. 1047) do desportista, tentando superar-se a si próprio superando os outros, assim a actividade científica “pressupõe no sábio um apertado feixe de virtudes dianoéticas (assim lhes chama Aristóteles): a objectividade, o respeito minucioso dos factos, o desinteresse, a paciência, o escrúpulo da verdade, a tolerância, a humildade, a dúvida metódica” (p. 1043), e no artista, como “asceta” (tal como o cientista, aliás), vivendo “polarizado na sua obra” (p. 1044), submetido às regras e procedimentos técnicos da sua arte, aceitando-os e com eles conseguindo um resultado (a obra individual, original), diferente das restantes obras dos outros artistas.

⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 1047.

Porém, face ao desporto, ciência e arte elevam-se a um estatuto ético e epistemológico diferente e superior, já que, e dando como exemplo a arte, escreve Sílvio Lima:

A meu juízo, a arte é algo mais do que um simples jogo; está para além e acima do jogo. O mundo estético [como o mundo racional da ciência] é um mundo espiritual, onde a sede e a fome de harmonia, de claridade mental, de construção e de cultura são mais profundas e mais complexas que no mundo do jogo. Depois, a arte [como a ciência] permite uma «realização» mais perfeita do homem. Graças à arte [e à ciência], o indivíduo busca o seu «centro»; procura edificar a unidade da sua alma tão dispersa, fragmentada e mecanizada pelo atrito ruidoso da vida social e empírica. (p. 1020)

E, na página seguinte, acrescenta Sílvio Lima:

Os valores estéticos [como os valores racionais das ciências] são valores universais; no núcleo da personalidade individual o artista descobre, atónito, o homem universal e, através dele, nas almas religiosas, a face do próprio Deus (p. 1021)

Assim, Sílvio Lima pode concluir:

As atitudes interiores do moralista [do artista] e do cientista são, afinal, de certo modo, *análogas* à atitude desportista, à playing-atitude, [sendo que] “o verdadeiro cientista encara a pesquisa da verdade, o puro exercício da razão ordenadora, sob um ângulo visual ginástico-desportivo (p. 993) (sublinhado do autor) (noTA; a expressão “ângulo visual” significa, aqui, “perspectiva” ou “imagem perspectivada”)

Em síntese, arte e ciência estruturam a sua progressiva realização temporal ao modo “ginástico-desportivo”, constituindo ambos, em conjunto com o desporto, porque desinteressados, porque possuindo os fins em si mesmas, porque vinculativos dos laços fraternais entre os homens, as mais altas actividades humanas. E, na base da ciência e da arte, como modo popular de convívio “saudável”, encontra-se o desporto. *Imago mundi* do homem universal, o desporto estatui-se, assim, metonimicamente, como sua síntese realizativa e unificante enquanto 1. – actividade racional que submete os impulsos físicos à harmonia de um sentido ordenador; 2. – actividade que submete o indivíduo isolado e instintivo à unidade universal do sentido do todo da sociedade e da humanidade; 3. – mas submete-o por auto-consentimento do próprio, aceitando as leis que a todos favorecem em igualdade num acto generoso e voluntário, orientado pela razão, encarando sempre o outro não como estranho, mas como o “outro” de “mim mesmo”; 4. – actividade que se sabe provisória (o vencedor de um jogo pode ser o derrotado do próximo), submetida ao crivo da dúvida de jogo para jogo, o desporto está na base de um contínuo auto-aperfeiçoamento colectivo progressivo. Estas quatro características do homem desportivo como que se constituem como os quatro modos por que Sílvio Lima teoriza o homem racional, livre e auto-investigador dos seus próprios limites ou os quatro modos da sua visão do homem, isto é, da sua *imago mundi*.

Miguel Real.